

O tema da morte e ressurreição, por exemplo, como mito de transformação, é central tanto na psicologia profunda quanto na Cristandade. Compreendê-lo concretamente (como se o corpo de uma pessoa literalmente morresse e ressurgisse de novo) é irreconciliável com a ciência ou com o nosso moderno ponto de vista crítico. Mas, se o interpretarmos psicologicamente, veremos que uma pessoa em depressão, por exemplo, está inconscientemente vivendo o arquétipo da morte e do renascimento. Os deprimidos tentam com frequência desviar sua atenção ou arrancar-se desse estado. Mas se o fazem, a morte não é experimentada na sua totalidade e pode não ocorrer o renascimento, que faz parte do processo. É preciso que elas reconheçam a existência de alguma boa razão para a depressão e que, tentando compreender essa razão, possam ajudar-se a si mesmas.

Quando são capazes de manter uma atitude consciente e crítica enquanto se encontram nesse estado de depressão (como Jonas no ventre da baleia), é provável que elas experimentem uma transformação fundamental e positiva. Não é isso que se poderia esperar logicamente de um aborrecimento tão grande, mas está de acordo com as leis paradoxais do mundo interior, leis que conhecemos, entre outras coisas, através da religião. Assim, um conhecimento do mito da morte e da ressurreição pode nos dar a coragem de extrair o máximo de uma depressão.

Por ter sido com tanta frequência erroneamente tido como um místico religioso disfarçado de psicólogo, Jung muitas vezes se abstém do uso da terminologia religiosa até mesmo com alguns de seus pacientes. Uns poucos meses antes de sua morte, ele escreveu uma carta a um dos co-fundadores dos Alcoólicos Anônimos, na qual discutia um paciente seu, alcoólatra, que posteriormente foi colaborador na fundação dos A.A. Jung escreveu que se sentira impossibilitado de falar com o paciente da maneira que teria desejado por medo de ser malcompreendido. O que Jung havia desejado dizer ao paciente era que “sua ânsia pelo álcool equivalia, num baixo nível, à sede espiritual do nosso ser pela totalidade; expressando-o em linguagem medieval: à união com Deus”.⁹ E ele cita o primeiro verso do Salmo 42: “Tal como o cervo anseia pela água dos riachos, anseia minha alma por ti, Ó Deus.”

Pergunta Jung, “Como poderia alguém formular semelhante introversão numa linguagem que hoje em dia não é compreendida?”¹⁰ Jung não responde à sua pergunta, nem eu tenho a resposta. Mas passaram-se trinta

anos desde que Jung escreveu essas palavras e nossa civilização está passando por uma monumental transformação na consciência, de modo que talvez possamos nos atrever a falar de novo a linguagem medieval sem que se julgue erroneamente que reincidimos num modo de pensar pré-racional.

À psicologia de Jung como união entre ciência e religião

Edward F. Edinger há décadas vem levando adiante o trabalho iniciado por Jung de fundir aqueles “moldes de pensamento que se tornaram historicamente fixos” (interpretando psicologicamente as imagens e dogmas religiosos tradicionais) e despejando-os nos “moldes da experiência imediata” (compreendendo-os experimentalmente).

Sugere Edinger que agora estamos entrando numa era na qual a ciência e a religião estarão unidas. Afirmando que a etimologia nos oferece um vislumbre do fundo inconsciente do nosso pensamento, ele explica a derivação da palavra “consciência”, conceito central de sua tese.

Conscious [consciente] deriva de *con* ou *cum*, que significa “com” ou “juntamente com”, e *scire*, “saber” ou “ver”. Tem a mesma derivação de *conscience* [consciência moral]. Assim, o sentido do radical tanto de *consciousness* como de *conscience* é “conhecer com” ou “ver com” um “outro”. Em contraste, a palavra *science* [ciência], que também deriva de *scire*, significa simplesmente conhecer, isto é, saber sem “testemunha”. Portanto, etimologicamente, o termo indica que os fenômenos da consciência [*consciousness*] e da consciência moral [*conscience*] são algo correlatos, e que a experiência da consciência compõe-se de dois fatores — o “conhecer” e a “testemunha”. Em outras palavras, consciência é a experiência de *conhecer juntamente com um outro*, isto é, num contexto de dualidade.¹¹

Mais adiante, Edinger prossegue em sua discussão da consciência:

No nível coletivo, a consciência é o nome de um novo valor supremo que está nascendo no homem moderno. A busca da consciência, a “consciência”, une os objetivos das duas etapas anteriores da história ocidental, quais sejam, a religião e a ciência. O propósito essencial da religião (que significa “re-ligação”) é a preservação do vínculo do homem com Deus. Corresponde isto a Eros, o princípio conector e ao fator “testemunha” da